

– O que poderíamos fazer para mudar a situação atual? a arte pode ajudar?

Julgamento: neste estágio é interessante dialogar sobre:

- Você acha que esta obra é importante? por quê?
- Por que Portinari a pintou? para quê?
- Por que as pessoas querem ter obras de arte?
- Elas são importantes?
- Que outras obras ou objetos você conhece que têm algo semelhante com a obra de Portinari?

Outras tantas indagações poderíamos fazer com o objetivo de aproximar arte e aluno com o intuito de desenvolver o espírito crítico, próprio de um apreciador consciente que se vale desse aprendizado para direcionar, humanizar e qualificar suas escolhas estéticas. Ainda é pertinente ressaltar que o contato com a arte tem a função de levar a criança a pensar sobre a sua realidade social e em que ela pode ser modificada ou acrescida a partir desse estudo. É preciso atentar também que as perguntas indicadas não podem se tornar um clichê. São apenas um caminho, entre outros, para estimular a leitura do texto pictórico.

Leitura de imagem e intertextualidade

É na inter-relação do indivíduo com os objetos que se dá a organização de um sistema de imagens visuais/mentais que, gradualmente, conduzem a percepções cada vez mais complexas e sutis, permitindo não só a compreensão dos conhecimentos inerentes à arte mas, principalmente, a produção de conhecimento em arte. Conseqüentemente, o estímulo à leitura das imagens é fundamental para que alcancemos esta meta e passemos a perceber o que muitas vezes se esconde a um olhar desatento.

Paul Klee, artista plástico suíço, dizia que a arte não reproduz o visível, torna visível, e é nesta possibilidade subjacente de se revelar de se construir ao nosso olhar, de apontar novos significados, que está uma das importâncias da leitura das imagens para o processo de alfabetização estética.

Aprender a ler os códigos do sistema de representação das artes visuais é tão importante quanto o entendimento dos sistemas numéricos e de escrita.

É preciso levar em conta que as obras de arte nos remetem, muitas vezes, a objetos já vistos, a formas ou fatos do cotidiano e passamos a identificar aspectos comuns entre os mesmos. Essas nuances podem pas-

sar despercebidas a um olhar desacomostumado. No entanto, um olhar educado para ver... *um sensível olhar pensante...*, segundo Martins (1992, p.15), perceberá as semelhanças e diferenças, fará analogias, e, por conseqüência, identificará as inter-relações, isto é, o *intertexto*.

A intertextualidade é... *um espaço de reescrita...*, segundo Peñuela Canizal (1993, p.77), composto de signos icônicos (imagens) que sugerem objetos da realidade e/ou por signos plásticos que apresentam semelhanças nas formas, texturas, cores e outros elementos.

Etimologicamente, intertextualidade quer dizer o que habita dois textos, implícita ou explicitamente. Por exemplo, observemos as imagens a seguir. Entre a *Pietà* de Michelangelo, de 1498, e a capa da revista *Isto É*, há semelhança explícita evidenciada tanto no tema quanto na estrutura das imagens, embora a época, as intenções e o sistema de representação sejam distintos.



Michelangelo, *Pietà*, 1497/99, escultura em mármore. 195cm de altura, 174cm de base. Basílica de São Pedro, Vaticano.

Fonte: *História Geral da Arte*. Escultura II. Edições de Prado, 1996.



Fonte: *Isto é*, n.1334, 26 maio 1995.

Outros tantos exemplos poderíamos citar, mas o que é fundamental neste caso, é a possibilidade de educar o olhar para a investigação do intertexto, uma vez que no entrelaçamento de várias imagens cultiva-se a agilidade visual e o malabarismo intelectual.